
REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: ENCONTROS E PERSPECTIVAS

REPRESENTATION IN CONTEMPORARY LITERATURE: ENCOUNTERS AND PERSPECTIVES

Virginia Maria Vasconcelos Leal  

UnB | virginiamvleal@gmail.com

CERRADOS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LITERATURA — UNB



ORGANIZADORES:

-   André Luís Gomes
-  Ana Laura dos Reis Côrrea
-   Joao Vianney Cavalcanti Nuto
-   Paulo Petronilio Correia

CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 34, n. 69, 2025
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



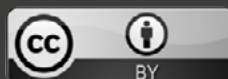
10.26512/cerrados.v34i69.59812

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 26/09/2025

Aceito em: 24/11/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Resumo

A linha de pesquisa Representação na Literatura Contemporânea, criada em 2004, é apresentada a partir das produções de seus grupos de pesquisa, com destaque aos projetos coletivos de docentes, às dissertações de mestrado e às teses de doutorado produzidas nos últimos vinte anos. O artigo discute seus principais aportes teóricos, em especial, o conceito de representação literária. Enfatiza-se a preocupação constante com maior diversidade de grupos sociais representados no campo literário. Fatos e eventos são destacados e entrelaçados com trajetória pessoal, a partir de diferentes perspectivas como aluna, pesquisadora e professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Pós-Graduação em Literatura, representação, literatura contemporânea.

Abstract

The research line Representation in Contemporary Literature, created in 2004, is presented based on the productions of its research groups, with emphasis on collective projects by faculty members, master's dissertations, and doctoral theses produced over the last twenty years. The article discusses its main theoretical contributions, particularly the concept of literary representation. The constant concern for greater diversity of social groups represented in the literary field is emphasized. Facts and events are highlighted and intertwined with personal experiences, from different perspectives as a student, researcher, and professor affiliated with the Postgraduate Program in Literature at the University of Brasília.

Keywords: Postgraduate Program in Literature, representation, contemporary literature.

Ao comemorar os 50 anos da Pós-Graduação em Literatura na Universidade de Brasília, é preciso recordar uma das modificações fundamentais para sua configuração atual: a organização em linhas de pesquisa da sua área de concentração denominada Literatura e Práticas Sociais. Antes de 2004, havia duas áreas para o mestrado e o posterior doutorado: Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. A fim de agregar de forma conceitual as pesquisas vigentes, foram abolidas as áreas anteriores e formaram-se cinco linhas: Crítica Literária Dialética, Estudos Literários Comparados, Literatura e Outras Artes, Representação na Literatura Contemporânea e Políticas e Poéticas do Texto. Esse artigo, com algumas notas pessoais, pretende refletir sobre a linha Representação na Literatura Contemporânea ao longo do tempo. Apesar de prazerosa, não é tarefa fácil, haja vista a quantidade de produções realizadas no período (2004-2025). São muitas memórias afetivas mobilizadas. Afinal, mais da metade de minha própria vida (há 28 anos ingressei no então Mestrado em Literatura Brasileira da UnB) esteve, de alguma forma, ligada ao programa. Longe de pretender fazer um relatório exaustivo em listas e números, serão feitos alguns recortes do trabalho coletivo de pesquisadoras e pesquisadores, agregados por interesses comuns na linha de pesquisa. Afinal, uma pós-graduação faz-se de forma conjunta, nas trocas realizadas no dia a dia, a despeito dos momentos solitários. Sublinha-se que nada do que está neste artigo seria possível sem a convivência e a produção de todas as pessoas envolvidas na linha de pesquisa Representação na Literatura Contemporânea ao longo desses anos. Todos e todas as pós-graduandas, pesquisadoras/pesquisadores e docentes. No momento, somos oito professores e professoras: Ana Cláudia da Silva, Anderson Luís Nunes da Mata, Cláudio Roberto Vieira Braga, Paulo César Thomaz, Paulo Petronílio Correia, Pedro Mandagará Ribeiro, Regina Daslcastagnè e eu. Não posso deixar de citar também todas as colegas que participaram das atividades da linha de pesquisa ao longo desses anos. São elas: Cíntia Schwantes, Cristina Stevens, Maria Isabel Edom Pires, Rita de Cassi Pereira dos Santos e Sara Almarza.

Conforme registrado na Plataforma Lattes, de 2005 a 2024, foram 83 teses e 129 dissertações orientadas por todos e todas as docentes ligadas à linha, sem contar as monografias e os artigos resultantes de iniciações científicas. São trabalhos decorrentes de projetos, temas, nacionalidades e gêneros literários diversificados, localizados na contemporaneidade. De certa maneira, estão reunidos em torno do eixo comum delineado em sua descrição: “Estudo das representações e autorrepresentações de diferentes grupos sociais, em particular os marginalizados, nas diversas formas contemporâneas de expressão literária, com enfoque sobre os problemas relativos ao lugar da fala e atenção às especificidades dos discursos.” A partir da descrição da preocupação comum da linha, é certo que todas essas produções (83 teses e 129 dissertações) tiveram e têm impacto social não só no cotidiano e pessoal de cada egresso, de cada egressa em suas diferentes atividades, mas também potencializam as possibilidades de construção de uma sociedade mais democrática e plural.

Conceitos como diversidade, representação e literatura atravessam todas essas produções. O conceito de diversidade, por exemplo, em suas diferentes concepções, percorre vários campos de conhecimento, sempre a dialogar com “o binômio identidade/alteridade, em especial a criação de vínculos e respeito mútuo que torna a vida, humana e não humana, possível. Afinal, valorizar as diferenças e coexistências de alteridades é fundamental para o distanciamento de quaisquer ideias totalizadoras e/ou autoritárias” (Leal, 2020, p. 11). Nesse sentido, a noção de identidade(s) traz embutida a própria questão da noção de diferença(s), de alteridades, pois é uma relação permeada de significados linguísticos e socioculturais produzidos por grupos sociais diversos. Apoio-me na definição de Iris Marion Young para grupo social: “um coletivo de pessoas que se diferencia de pelo menos outro grupo através de formas culturais, práticas e modos de vida. (Young, 2000, p. 77, tradução nossa) Para ela, certos grupos dominantes podem oprimir outros grupos subalternizados de várias formas, inclusive pela pretensão universalizante de produtos culturais mais amplamente disseminados, a sinalizar que aqueles dominados seriam os

“outros”, difundindo suas experiências de vida como “universais” ou “normais”. Para ela, aqueles culturalmente dominados vivem uma opressão “paradoxal”, pois são apontados por meio de estereótipos “naturalizados” e, ao mesmo tempo, se tornam “invisíveis”, uma vez que não se identificam com essas imagens estereotipadas. Uma das possibilidades de, pelo menos, estremecer essa lógica é fomentar pesquisas críticas a respeito das representações e autorrepresentações literárias de grupos marginalizados, considerando-se os agentes envolvidos na escrita e na leitura do texto literário, com especial atenção aos grupos, identidades e sujeitos subalternizados, como foi discutido pelos membros da linha no último Seminário de Avaliação da Pós-Graduação, em janeiro de 2025. Tal intento alinha-se à defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade a partir de princípios democráticos e em direção à inclusão para um espaço cada vez mais plural. Tal perspectiva vem ao encontro do pioneirismo da Universidade de Brasília, primeiro instituto federal de ensino a adotar a política de cotas para ingresso na graduação, em 2004. Em 2020, a importante política foi adotada também nos processos seletivos para a pós-graduação.

Posto isso, é importante o debate acerca do espaço de grupos marginalizados na literatura contemporânea, como aponta Regina Dalcastagnè:

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao *acesso à voz* e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao *lugar de fala*: quem fala

em e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raiz de autoria) na representação literária (Dalcastagnè, 2012, p. 17).

Assim, há uma preocupação constante com a ampliação de uma diversidade de grupos sociais representados no sistema literário, tanto nas pesquisas de revisões historiográficas e críticas nos cânones tradicionais quanto em novos olhares sobre a vasta literatura contemporânea em sentido amplo. Tal preocupação aparece nos projetos de pesquisa registrados no Lattes pelos e pelas colegas da linha de representação, ao longo desses anos. Sem querer ser exaustiva, vale a pena citá-los por algumas palavras-chave: configurações do espaço e tempo na literatura brasileira contemporânea, mapeamento crítico da literatura brasileira contemporânea, crítica literária em periódicos contemporâneos, mapeamento de personagens do romance brasileiro contemporâneo, representações do outro, Brasília e experiências urbanas, diferentes faces da poesia contemporânea, diversidade, imigração na literatura e nas artes plásticas contemporâneas, literaturas migrantes, desenraizamento, estudos da diáspora, globalização e literaturas no século XX e XXI, literaturas ibero-atlânticas e afro-diaspóricas, estudos de memória, colonialidade e pós-colonialidade, literatura infantil e juvenil, literatura espírita, vozes femininas contemporâneas, metaficção historiográfica e feminismos, mulheres, autoria feminina, identidade de gênero, etnia, diversidade sexual e homossexualidade, ecologia, figurações da violência, literatura indígena, escritas afro-brasileiras, estudos da subalternidade, classe social e mundo do trabalho, perspectivas *queer*, estudos ecocríticos etc. São pesquisas debruçadas sobre obras de várias literaturas nacionais e transnacionais. As literaturas contemporâneas do Brasil, da Argentina, do Chile, da Nigéria, de Portugal, dos Estados Unidos, da Inglaterra, do Timor-Leste, do Canadá, de Moçambique, de Angola, de Cabo Verde, da Martinica, da Jamaica, de Antigua e Barbuda, do Haiti,

do Japão foram abordadas em teses e dissertações. E muitas outras literaturas nacionais estão ainda com trabalhos em andamento. A diversidade também se encontra na profusão de gêneros literários analisados: romances, contos, crônicas, grafites, diários, poemas, jogos, jornais, páginas de fofoca, *hip-hop*, quadrinhos, memórias, cinema, artigos, ensaios, periódicos acadêmicos, clubes de leitura, livrarias, televisão, editoras, coleções, biografias, autobiografias, cordel, oralidade, canções, saraus, *raps*, artes visuais e arquitetônicas, entre outras. De certo modo, o campo de pesquisa em literatura na contemporaneidade alarga-se, uma vez que as próprias obras de arte são cada vez mais “inespecíficas”, como teoriza Florencia Garramuño (2014) ao apontar o transbordamento de limites, especificidades e pertencimentos de gêneros das linguagens artísticas, incluindo as literárias.

São discutidas também as próprias definições de literatura. Não se nega que a literatura seja um modo discursivo artística e culturalmente importante e mantém legitimidade e prestígio social. Contudo, como qualquer forma de expressão simbólica, cada vez mais torna-se difícil sustentar uma pretensa autonomia da teoria e dos estudos literários frente a outros discursos e saberes, seja pela instabilidade do próprio objeto, seja pelas inúmeras abordagens críticas que se reatualizam com a chegada de novas formas de produção e de circulação, além da multiplicidade de vozes autorais, até então invisibilizadas, que passam a ser, finalmente, escutadas, modificando o próprio estado do campo literário. Como ressalta Rita Terezinha Schmidt, do ponto de vista da teoria contemporânea, “a literatura passa a ser vista como categoria transitiva, fenômeno histórico contextualizado no campo das formas culturais, inserida, portanto, nos modos de produção material e processos sociais concretos” (Schmidt, 2017, p. 123).

Sempre em volta dessas obras e temáticas, o conceito de representação é problematizado. Afinal, ninguém compartilha de quaisquer ideias ingênuas de representação, pois se trata de processo sempre atravessado por conotações políticas e éticas, a envolver todos seus agentes. Como sintetiza Anderson da Mata:

O processo de representação seria então um sistema tripartite composto pelo trabalho do autor, o produto desse trabalho e o reconhecimento do público. A representação, que, como já expressei, dentro de uma concepção aristotélica poderia ser vista como *imitação*, da ação ou da história, será revestida aqui de uma conotação política que saca o termo da armadilha da distinção entre sujeito que conhece (ativo) e objeto que é conhecido (passivo). Essa distinção hierarquiza o procedimento crítico e destitui o referente, bem como o leitor, de seu papel na realização da representação em si. O processo da representação será visto, assim, como uma triangulação calcada numa disputa dialética por poder que se relaciona com a possibilidade de envolver-se enquanto sujeito, grupo ou ideia, no sistema representacional (Mata, 2011, p. 23).

Logo, mais que um conceito único, é importante pensarmos no processo de representação e nos seus agentes envolvidos, sem perder sua dimensão política. Iris Young introduz o conceito de representação como um “relacionamento diferenciado entre atores políticos engajados em um processo que se espalha no espaço e no tempo” (Young, 2006, p. 142). Para ela, é importante conceber a representação como uma relação que “dissolve o paradoxo posto pela situação na qual uma só pessoa representa as experiências e opiniões de muitas outras” (Young, 2006, p. 149). Ao centrar o seu conceito de representação baseado na natureza do relacionamento, em especial à perspectiva social, além de interesses e valores compartilhados, a tese de Young distancia-se da noção de identidade, base das noções tradicionais de representação, nas quais os representantes teriam autorização para falar “como” seus representados (ao compartilhar a mesma identidade) ou “por” seus representa-

dos (quando autorizados). Como afirma a filósofa, é importante considerar as diferenças trazidas por múltiplas visões aproximadas dos eventos e diversas perspectivas sociais para, enfim, ser possível “promover certos pontos de partida para discussão” (Young, 2006, p. 166). De forma complementar, como aponta Regina Dalcastagnè, discorrer sobre os impasses da representação literária de grupos marginalizados não insinua

Qualquer restrição do tipo quem pode falar sobre quem, mas indicam a necessidade de democratização do universo social. Falam também da necessidade de democratização do universo social. Falam também da necessidade de contaminação pelo olhar do outro, com uma abertura maior para sentimentos, valores e modos de dizer que podem ser diferentes dos nossos e que, nem por isso, precisam parecer inferiores. Sugerem, ainda, um leitor mais desconfiado do que lê, mais atento aos preconceitos embutidos no texto. Por fim, mostram que a consciência do problema já é um passo em direção, talvez, não a uma solução, mas ao menos a uma discussão honesta (Dalcastagnè, 2012, p. 47).

Não deixo de pensar que o presente artigo, ao mesmo tempo que rememora aspectos centrados na linha, também traz impasses de representação no seu próprio momento de escrita. Quando Young estabelece a representação como relação, é apontado um jogo de proposições: mais que escrever “por” ou “como” todos e todas as colegas, pretendo conversar “com” todas e todos os colegas, a partir das minhas perspectivas. Consequentemente, as perspectivas adotadas são relacionais, a partir da ideia de que quaisquer pesquisas têm seu lado coletivo e dialogado, seja da pesquisadora com os textos, com os colegas, com as professoras, com as alunas e alunos, assim por diante. Se são recortes pessoais, espero que al-

gumas histórias possam estabelecer a memória coletiva da linha e do programa.

Como antes apontado, há quase 30 anos, faço parte da Pós-Graduação em Literatura na UnB, em um primeiro momento como mestranda, depois doutoranda e, por fim, professora. Essas diferentes perspectivas trazem, inevitavelmente, lugares diferenciados. Em 1997, fiz minha inscrição para processo seletivo no então Mestrado em Literatura Brasileira de forma presencial, no balcão da Secretaria de Pós-Graduação. Assim, a primeira pessoa que conheci na Pós-Graduação foi Dora Duarte, servidora técnica da Pós-Graduação, que atendia a todos e todas com muita gentileza. Pude, depois, como professora, participar da pequena homenagem feita por ocasião de sua aposentadoria. Em 1997, não havia exigência de um projeto prévio, mas uma espécie de carta de apresentação, provas de conhecimentos específicos, línguas estrangeiras e arguição. Concluídas todas as etapas, pude ingressar, finalmente, no Mestrado em Literatura Brasileira. Já sabia que queria trabalhar com literatura brasileira contemporânea de autoria feminina e pude focar meus interesses nas disciplinas que cursei. Uma delas era obrigatória a todos e todas: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Literatura. Cursei com Regina Dalcastagnè, que viria a ser minha orientadora. Com ela, também participei de cursos sobre contos e romances brasileiros contemporâneos. Também fui aluna da futura colega de linha, Maria Isabel Edom Pires, em seu curso sobre crônicas, bem como de Rita de Cassi dos Santos Pereira, sobre poesia modernista brasileira e com Lúcia Sander. Com Lúcia, pude conhecer os primeiros conceitos a respeito dos estudos feministas e de gênero, além de ter participado da produção de sua performance teatral *Mulheres fazendo arte*.

Além de cursar disciplinas e escrever a dissertação, fazer uma pós-graduação implica fazer parte de uma pesquisa maior, especialmente realizada por uma rede extensa. Nesse sentido, pude participar do início do *Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea*. Derivado de um grupo de leitura com reuniões quinzenais, o grupo foi fundado em 1997, na Universidade

de Brasília. Recordo-me de sua primeira reunião, da qual participei. Pensar em uma publicação, derivada de um boletim informativo, com apenas uma folha, foi o tema desse encontro em 1997. Hoje a *Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea*, um dos periódicos sediados na pós-graduação, iniciada em 1999, é a principal referência em sua área específica. Atualmente, tem mais de 40 pesquisadores e pesquisadoras, de universidades brasileiras e estrangeiras. O grupo de estudos foi e é um espaço formativo para mim (e acredito que para muitas pessoas), em muitos aspectos, seja pelos seus simpósios, colóquios, jornadas, publicações, mas também pelo seu lado afetivo, configurando-se também um espaço de amizade e de trocas generosas. Atualmente, na pós-graduação conta com cinco pesquisadores na linha de representação: Anderson da Mata, Paulo César Thomaz, Pedro Mandagará, Regina Dalcastagnè, além de mim. Por sua vez, a professora Patrícia Nakagome, além de fazer parte do grupo, é componente da linha Políticas e Poéticas do Texto da Pós-Graduação em Literatura da UnB.

Duas atividades continuadas são especialmente ricas para isso: o *Seminário Internacional de Literatura Brasileira Contemporânea*, sediado na UnB (sua décima-primeira edição foi realizada em julho de 2025), e o *Colóquio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea*, também com edição anual em universidades estrangeiras. O colóquio já está em sua décima edição. No escopo da pós-graduação, o grupo tem promovido, desde 2006, jornadas temáticas, nas quais pesquisas em andamento ou concluídas são apresentadas, a congregar jovens e experientes pesquisadores. Já foram realizadas jornadas de gênero e literatura, romances gráficos, autoria negra, literatura infantil e infância e poéticas da oralidade.

Quando ingressei no doutorado, em 2004, o programa já estava reconfigurado nas cinco linhas, com uma maior definição teórica, a partir dos recortes delineados. Como doutoranda, tive a oportunidade de fazer parte da pesquisa coordenada pela minha orientadora Regina Dalcastagnè, “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”, que, com metodologia inovadora a incluir

tratamento estatístico do *corpus* pesquisado, trouxe resultados importantes sobre a literatura brasileira contemporânea e impactos sobre o campo literário. Foi, de fato, um projeto coletivo, com reuniões periódicas com estudantes de graduação e pós-graduação, nas quais discutíamos questões teóricas e metodológicas. Muitos estudantes de graduação entraram, posteriormente, na Pós-Graduação em Literatura e hoje são colegas professores e professoras de diversas instituições de ensino. Mapeamentos de literatura brasileira contemporânea têm sido marcas do grupo, dos quais derivam reflexões em resenhas, artigos, teses e dissertações debruçadas em questões específicas. Uma das continuidades dessas primeiras pesquisas é a plataforma digital *Praça Clóvis*, que realiza um mapeamento crítico da literatura brasileira dos últimos 55 anos, com acesso livre, trazendo resenhas de romances contemporâneos de todas as regiões do Brasil, em diversos recortes temáticos e em processo de expansão para outros gêneros textuais. Acredito que minha experiência no *Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea* seja próxima àquelas desenvolvidas em outros coletivos de pesquisa com força na linha de representação. Também nasceu na linha de pesquisa o Mnemosyne – Grupo de Estudos sobre Memória, Literatura e Tradução, liderado, então, pela professora Sara Almarza, a enfocar as representações sociais da memória e suas relações entre tempo e narrativa.

Destaca-se que uma das questões transversais é a representação da autoria feminina na contemporaneidade. Nas dissertações, teses e projetos dos últimos vinte anos, a autoria feminina – branca, negra, indígena – aparece em destaque, em projetos em três de seus grupos: Mayombe, Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e Vozes Femininas. No Vozes Femininas, liderado pela professora Cristina Stevens, os projetos e seus produtos derivados analisaram, fundamentalmente, *corpus* de literaturas em língua inglesa (mas não exclusivamente), problematizando a inserção de questões feministas e de mulheres, em perspectiva multidisciplinar. O grupo marcou presença nos cursos sobre gênero e literatura, além de organizar eventos marcantes na pós-graduação, como os Colóquios Feministas e de Estudos de Gênero, com três edições

compartilhadas com a Pós-Graduação em História e a de Psicologia. Há que se destacar também que, tanto Cristina Stevens quanto Cíntia Schwantes, ambas com formação em literaturas em língua inglesa, realizaram pesquisas junto ao grupo A Mulher na Literatura: Crítica Feminista e Estudos de Gênero, um dos mais atuantes da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Vale lembrar que, em 2011, o XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura: Palavra e Poder – RepresentAÇÕES Literárias, realizado em Brasília, com o apoio da Pós-Graduação em Literatura e com edição em dois volumes da Revista Cerrados, com discussões oriundas do evento. Como doutoranda, pude cursar duas disciplinas dedicadas aos estudos de gênero e literatura, ministradas por Cíntia e Cristina. Ambas participaram de minha banca de defesa final de tese de doutorado e, *a posteriori*, tornei-me colega delas e, por caminhos teóricos comuns, pude ofertar os mesmos cursos, além de participar de bancas examinadoras de suas orientandas e orientandos.

As literaturas africanas e afrodiaspóricas são destaque nos estudos da representação na literatura contemporânea. O grupo Mayombe: Literatura, História e Sociedade, liderado por Cláudio Braga, existe desde 2013 e tem se dedicado aos estudos das literaturas de países africanos em língua inglesa e portuguesa, tanto produzidos no continente quando fora dele, na perspectiva dos estudos pós-coloniais e culturais, em chave crítica da decolonialidade. Uma das suas principais atividades, além de artigos, livros e orientações, é o evento Savanas no Cerrado, congresso organizado desde 2014, a reunir pesquisadores e pesquisadoras das literaturas africanas do Instituto de Letras, além de convidados externos. Com trabalho em rede, reúne pesquisadores de outras linhas de pesquisa da Pós-Graduação em Literatura, tanto quanto de outros departamentos e instituições. Ao longo de sua existência, organizou dossiês na Cerrados. O Mayombe, além de Cláudio Braga, conta com Ana Claudia da Silva e Paulo Petronilio Correia, que atuam na linha de Representação.

Salienta-se, entre as nossas preocupações teóricas, a valorização da categoria da oralidade no literário, em especial no panorama das literaturas afrodescendente e indígenas, marcadas, em muitos aspectos, pelas questões de ancestralidade e de resistências a definições restritivas do cânone literário mais tradicional, apoiado nas produções escritas. Cada vez mais são legitimadas criações fora desse escopo, que, historicamente, excluiu grupos que não tinham acesso a instrumentos de produção e de difusão em larga escala para suas obras. Pode-se incluir, por exemplo, nesse campo literário expandido, entrevistas, depoimentos, palestras, performances, produções audiovisuais, contações de histórias tão presentes nas categorias da literatura oral.

Nesse artigo, percebo o privilégio de ter vivido posições diferenciadas nesses quase 30 anos circulando na Pós-Graduação em Literatura da UnB: aluna, egressa, pesquisadora, professora, orientadora. Hoje, sou colega das minhas professoras e é sempre uma experiência emocionante. Deixando-me afetar por esses atravessamentos, adiei até agora uma nota pessoal para rememorar a relação com a querida Cíntia Schwantes. Seu falecimento em dezembro de 2023 trouxe uma ausência a todos e a todas da pós-graduação. Colegas, em gestos generosos e, ao mesmo tempo, profissionais, assumiram suas orientações em andamento na linha de Representação. Nesse levantamento de teses e dissertações da linha, no período de 2004 a 2025, Cíntia aparece como orientadora muitas e muitas vezes.

Como egressa do mestrado, conheci Cíntia como pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea. A sua dupla formação, em literaturas em língua inglesa e portuguesa, trazia novos olhares sobre o *corpus*, além de colaborar para a revisão dos inúmeros *abstracts* da *Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea*. Já como doutoranda, fui sua aluna em um curso sobre romances de formação de autoria feminina, um de seus temas de pesquisa. Aproveitei bastante seu curso e suas observações em minha tese. Tese, aliás, na qual ela participou tanto em sua qualificação quanto em sua defesa final.

Mais uma vez, mudo de posição na UnB quando me torno professora de Teoria da Literatura, em 2010. Passei, então, a conhecer o volumoso trabalho, além da sala de aula, que nós, professores e professoras, assumimos no cotidiano. Sempre encontrava Cíntia nos corredores e na sua sala (uma vez até a compartilhamos no antigo espaço). Muitas vezes foi ela que respondeu a muitas dúvidas minhas como professora recém-ingressa, sempre com um sorriso e uma história divertida.

Enfim, percorrer esses anos dos estudos de representação na contemporaneidade na Pós-Graduação em Literatura na UnB foi também rememorar tantos momentos de minha própria vida. São quase 30 anos, mais da metade de minha vida, mais da metade dos 50 anos do programa. Percebo que a decisão de me inscrever para a seleção de Mestrado em Literatura provocou mudanças fundamentais na minha trajetória profissional, já que, até aquele momento, tinha sido jornalista e servidora pública. Ter recebido as boas-vindas do programa, lá em 1997, do qual ainda faço parte, foi e é um dos pontos centrais do meu percurso. Acredito que assim também o seja para muitos e muitas outras pessoas que escrevem essa história há 50 anos.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

MATA, Anderson Luís Nunes da. Representação e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (org.). **Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011. p. 15-39.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **Narrativas da diversidade na literatura brasileira contemporânea**. Barcelona, Universitat de

Barcelona. **Abriu**: Estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal, n. 9, 2020. p. 11-16.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centros e margens: reflexões sobre a historiografia literária. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. **Descentramentos/convergências**: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 121-146.

YOUNG, Iris Marion. **La justicia y la politica de la diferencia**. Trad. Silvina Álvarez. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. Trad. Alexandre Morales. **Lua Nova**: revista de cultura e política, São Paulo, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), n. 67, 2006, p. 138-190.